

Tempo, Espaço e Memória em *O Enteadado*

Mestre: Ângela Maria Bedeschi Fariaⁱ

Resumo:

*Este texto objetiva abordar o tema da viagem, associado ao conceito de historiografia contrapontual, de Edward Said. Para tanto, revisita cartas e relatos de viajantes, que estiveram a serviço das Cortes espanhola e portuguesa, com os quais Juan José Saer dialoga por meio de seu narrador e protagonista. Em *O enteadado*, a rememoração se organiza de modo fragmentário, permitindo a manifestação de diferentes tempos e o entrelaçamento de histórias e de geografias.*

Palavras-chave: *viagem; tempo; espaço; “historiografia contrapontual”.*

Introdução

Ao retomar o tema da viagem de europeus, relacionada ao expansionismo político e econômico, o escritor argentino Juan José Saer revisa o arquivo cultural, com o intuito de avaliar questões que estiveram na base do processo colonizador. Baseando-se em textos quinhentistas, o escritor indaga sobre a relação do passado com o presente no que tange à imposição de valores de uma cultura ou de uma classe dominante, que persiste na atualidade.

Oriundo de um território que passou pela experiência da colonização, espaço afetivo que já não tem correspondência com o atual, o autor, ao tratar de fatos impossíveis de serem reconstituídos, realiza uma leitura alegorizada, atentando para os sentidos dos mesmos. Esse gesto é bem característico da perspectiva de escritores que concebem as memórias como processos subjetivos, ancorados em experiências como em marcas simbólicas e materiais, resultantes da visão diferenciada de indivíduos perante um mesmo acontecimento do passado.

A obra *O enteadado* trata da viagem de uma expedição espanhola à região do Rio da Prata, cujo protagonista permanece com a tribo dos *colastiné* durante dez anos e, ao apartar-se dela, assiste à sua dizimação pelos espanhóis. Reintegrado no seu meio cultural, ele passa a ser vítima do preconceito dos europeus, fator que o leva a considerar que os ditos civilizados não eram “outra coisa que seres estranhos e problemáticos aos quais somente por costume ou convenção a palavra homens podia ser aplicada”. (SAER, 2002. p.124).

Nesse sentido, percebe-se que, por meio da obra, Saer propõe indagações que impulsionam a abertura de diálogos e avanços, capazes de suscitar novas direções aos comportamentos atuais. A experiência do auto-exílio propiciou-lhe direcionar o olhar de fora para dentro do continente latino-americano, que conviveu com o processo da colonização, ditaduras, arbitrariedades do regime de exceção e a memória traumática daqueles que testemunharam tais eventos a seu tempo. Contatando com seu *corpus*, é possível inferir que esse contexto o atravessa e de várias modalidades o escritor soube evocá-lo na sua produção artística. Exerceu, na narrativa, um trabalho laborioso com a linguagem, como também a converteu num espaço de questionamento sobre o *status quo*, de reflexão sobre si mesmo, as pessoas e o mundo, sobre a História e histórias, com vistas a encetar caminhos.

Relativamente às viagens da época da Conquista, a Península Ibérica foi pioneira na travessia do Atlântico, improvisando a instalação de feitorias em toda costa africana e em ilhas do Atlântico desde o quatrocentos. Por esse fator, é possível captar muitas das informações de relatos anteriores, disseminadas na narrativa do enteadado, que viabilizam o cotejo das viagens de espanhóis e portugueses realizadas à América; o realce de distinções que particularizaram a visão de cada viajante; assim como as singularidades da intenção de ambas as cortes, que, apesar de se acharem

compromissadas com a missão catequizadora de povos não-europeus, mal dissimulavam sua posição de oponentes no projeto expansionista.

1 O Enteadado e Outros Relatos de Viajantes

Cristóvão Colombo deu o passo inaugural com a descoberta do Novo Mundo, o que viabilizou rotas e levas de viajantes para diversos pontos do novo continente. Nomeou ilhas e cabos, construiu benfeitorias, demarcando, assim, a presença do europeu no espaço do nativo. Essas medidas sinalizaram outra topografia da terra e a implantação de uma nova ordem.

Pelo *Diario del primer viaje* (COLOMBO, 1825. t.1), Colombo concedeu as primeiras imagens da América ao Ocidente, salientando seu encantamento pela natureza, embora tivesse caracterizado os nativos de seres “selvagens” e empobrecidos. Baseou sua inferência na nudez dos índios, na rusticidade das armas, na configuração do espaço indígena e no seu comportamento. Tais aspectos o convenceram de que os índios precisavam ser inseridos nos bons costumes.

Postura similar teve Pero Vaz de Caminha, ao enxergá-los também pelo prisma da falta, pois não conseguiu vislumbrar na tintura decalcada no corpo dos nativos e, igualmente, nos adereços, formas emblemáticas de identificação étnica. Julgou-os, também, destituídos de crença, costumes, casas e princípios morais. (CAMINHA, 2001. p.43). O cronista, à medida que desvelava o outro, se concebia diferente do objeto analisado, motivo que o levou a acreditar que aqueles povos seriam beneficiados com a chegada dos portugueses.

Não obstante as caracterizações de ambos, esse não foi o critério utilizado por Américo Vespúcio, desde que lançou um olhar mais perscrutador para os índios, o que não significou, contudo, um prescindir da perspectiva colonialista. Das suas viagens à América, uma a serviço da Espanha e as outras duas para Portugal, o geógrafo atentou para a contigüidade das terras visitadas, ainda não vislumbrada pelos demais, e para a variedade de línguas, costumes e crenças. Quanto às armas, detectou outros tipos, além do arco e da flecha.

A acuidade do seu olhar, moldada pelo crivo de sua formação, foi captada por eruditos da época e por alguns dos nossos como é o caso de Oswald de Andrade, demonstrada na sua asserção: “Quem tinha encontrado o continente fora Colombo. Mas quem tinha fixado o homem natural era Vespúcio”. (ANDRADE, 1978. p. 213).

Dos viajantes espanhóis, Alvar Núñez Cabeza de Vaca desvelou à Europa uma outra face dos índios, registrando detalhes mais instigantes que os observados por Vespúcio. Chamou-lhe atenção a solidariedade vivenciada entre eles, quer seja perante as hostilidades naturais, quer seja pelo tratamento dispensado às crianças e aos doentes. Tendo estado cativo de várias tribos norte-americanas, ele acabou-se triunfando em seu meio como médico-curador. Detentor de expressiva bagagem, adquirida numa década, dela se valeu como recurso à sua projeção como um fiel servidor da corte. (CABEÇA DE VACA, 1942. p. 93).

Relativamente à expedição de Juan Díaz de Solís, enfocada no romance de Saer, ressalta-se que tinha por objetivo explorar a região do Rio da Prata e inspecionar se as “Molucas” ficavam em terras de domínio espanhol. O capitão Solís, o qual batizara o imenso rio de “Mar Dulce”, juntamente com os tripulantes da sua nau foram vítimas do confronto com os índios. Deste, somente um sobrevivente, chamado Francisco Del Puerto, ficou na companhia da tribo, conseguindo retornar à Espanha, depois de algum tempo. Esse relato se constituiu das suas memórias, escritas no século XVI, cujas referências podem ser encontradas em crônicas de outros viajantes.

A viagem do enteadado, narrada no romance, desencadeou-se de forma similar à de Solís. Parte dos tripulantes, que assistiu de longe o sucedido ao capitão, retornou à Espanha com seu sonho malogrado, enquanto o protagonista foi arrebatado pelos índios. Cativo, deslocado e sem perspectiva de retorno, o enteadado foi alterando sua postura em relação à tribo na medida em que as práticas de convivência os familiarizavam. Detectou que os *colastiné* viviam relegados a um

rearranjo constante do caos, provocado pelas enchentes do rio, que os obrigavam a deslocamentos constantes; pelo fogo, ou ainda pelos invernos rigorosos com suas consequências desastrosas, como a escassez de alimento e a perda de entes. Contudo, nada era tão avassalador, para eles, como o ritual antropofágico, situado no longínquo da sua tradição. Essa força, na concepção do protagonista, tanto os ameaçava quanto os induzia a repetir a devoração de inimigos, pois ela os revertia à sua origem.

Da parte dos viajantes, principalmente dos que não estabeleceram um vínculo mais prolongado com os índios, era de se esperar a proliferação de deduções débeis e com um agravante: o surto das conquistas lhes favorecia o amortecimento da consciência perante as atrocidades cometidas ao outro. A sede de poder apagava as seqüelas deixadas pela exploração, levando-os a interpretá-la como uma necessidade dos povos “primitivos”, que mais careciam do progresso.

1.1 O Tema da Viagem sob a Perspectiva Contrapontual

Mary Louise Pratt, na obra *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*, retoma o tema da viagem com vistas a analisar o contato entre o colonizador e o colonizado, associado ao fenômeno da “zona de contato”. A autora alinha aspectos fundamentais, surgidos a partir da interação de ambos, como as táticas de subordinação, aplicadas ao nativo e sua resistência aos modos de dominação; a preponderância do discurso do europeu; a irrupção de improvisações entre “sujeitos anteriormente separados por descontinuidades históricas e geográficas”, (PRATT, 1999. p. 32) e a conformação do olhar do branco sobre os povos de terras distantes.

Uma vez estabelecida a necessidade do relacionamento entre os sujeitos, oriundos de culturas díspares, instaurava-se a “zona de contato”. Pratt opera com esse conceito, na obra, durante a análise dos diversos momentos do expansionismo europeu, definindo-o como “espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, freqüentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação – como o colonialismo, o escravagismo [...]” (PRATT, 1999. p. 27).

Com base nessa noção, é possível proceder a uma leitura de relatos quinhentistas, atentando para elementos que definiram a relação de imposição / subordinação, para a qual concorreu Cristóvão Colombo, como outros. Consta do seu diário que ele se surpreendeu de não ter visto nenhum, dentre os índios que trazia consigo à força, pronunciar orações. Capta-se, também, do relato de Cabeza de Vaca o motivo pelo qual os povos da Flórida passaram a conceber seu deus, por eles denominado *Aguar*. Embora os exemplos aqui citados se reportem apenas às imposições de ordem religiosas, há inúmeros outros, que demonstram a adoção de comportamentos ocidentais pelos índios, culminada no processo de aculturação.

Edward Said, ao analisar narrativas de escritores pertencentes a territórios submetidos à colonização, aborda a viagem sob a perspectiva da “historiografia contrapontual”. Partindo do pressuposto de que todas as culturas são híbridas, constituídas de “geografias sobrepostas” e “histórias entrelaçadas” de povos em disputa, o crítico avalia as diversas experiências em contraponto, que mantêm um nível de correspondência com a narrada no romance.

Focalizando as formas de atuação dos exploradores, Said evidencia o traço predominante do discurso do colonizador, cujo objetivo seria o de controlar os povos tidos por “bárbaros”, uma vez distanciados dos paradigmas da cultura ocidental. Assim, infere:

o que há de marcante nesses discursos são as figuras retóricas que encontramos constantemente em suas descrições do “Oriente misterioso”, os estereótipos sobre o “espírito africano” (ou indiano, irlandês, jamaicano, chinês), as idéias de levar a civilização a povos bárbaros ou primitivos, a noção incomodamente familiar de que se fazia necessário o açoitamento, a morte ou um longo castigo quando “eles” se comportavam mal ou se rebelavam, porque em geral o que “eles” melhor

entendiam era a força ou a violência; “eles” não eram como “nós” e por isso deviam ser dominados. (SAID, 1995. p. 11).

Nesses dizeres, o crítico delimita a prática discursiva como a pedra angular na construção do processo de dominação, concebendo-a como uma das estratégias mais utilizadas pelos europeus ao atendimento dos seus interesses imediatistas. Terra, bens e escravos consolidariam o intercâmbio entre as metrópoles e as colônias, favorecendo a expansão de uma forma eurocêntrica de consciência global, desde que se estabeleceu como modelo para outras culturas.

Detentor desse tipo de pensamento, o protagonista da obra, na aldeia, se posicionou como um observador atento em decorrência dessa perspectiva, em contrapartida, foi-lhe possível atinar para as diferenças da alteridade, se questionando quanto à própria postura de sujeito assimilador. Avaliando a luta dos índios pela sobrevivência, mediante a hostilidade do ambiente; a maneira de relacionar com a natureza e de lidar com as contingências ocorridas no seu espaço, passa a conceber esse universo cultural e a si mesmo como uma identidade cindida.

Atinando para o anseio dos índios de torná-lo seu narrador, motivo que o prescindiu do sacrifício ofertado ao deus *Onã* e em favor do qual se submeteram seus companheiros, o enteado, já octogenário, foi arrebatado para a escrita, embora se encontrasse distanciado do tempo e do espaço da experiência. Esse gesto se lhe afigurou como uma possibilidade única de reaver seu compromisso com os *colastiné*, o de narrar sua história, seu *modus vivendi* e o de celebrar seus ritos.

Não obstante sua narrativa surgisse da rememoração, as incertezas dela captadas confirmaram a condição do enteado no contexto cultural da tribo. Se algo apreendeu em termos de costumes e rituais, o mesmo não se deu em relação à captação da história dos antepassados, da questão totêmica e da organização clânica. Sobre esses aspectos, que se somaram à dificuldade de entender a língua, ele não soube opinar. O primeiro indício, sinalizador da complexidade do vocabulário, efetivou-se com o emprego da expressão *def-ghi*, *def-ghi*. A princípio, supôs ser seu nome, mas, com o tempo, consentiu abarcar aquela palavra diversos significados:

En-gui, por exemplo, significa os homens, gente, nós, eu, comer, aqui, olhar, dentro, um, despertar e muitas outras coisas. Quando se despediam, empregavam uma fórmula, *negh*, que indicava também continuação, [...] *Negh* significa algo assim como *E então*, como quando se diz *E então aconteceu tal ou qual coisa*. (SAER, 2002. p. 146).

Uma vez neutralizada a possibilidade da fala, o silêncio foi-lhe uma constante. Assim, o protagonista delineou o seu lugar de marginalizado na tribo, o de estranho, quando não lhe era possível escutar, entendendo o outro. Na aldeia, o cognome “enteado”, que reflete a condição daquele que é filho do outro, repercutiu com mais veemência seu sentido peculiar. Ali, o nome evocou para além do sentido que foi tomado da sua esfera cultural, produto da bastardia, revestindo-se de potencialidade pela condição manifesta, a de migrante ou a de intruso entre eles.

O enteado, esse outro em trânsito, com o tempo, conquistou a afabilidade dos índios e, com eles, veio a despertar para outra visão de mundo e para outros valores.

Atentando para as diferenças culturais, um dos pontos a se ressaltar é que a heterotopia linguística dos índios, que manteve o enteado confuso relativamente aos possíveis significados de uma palavra, se opõe à topologia européia, que postula dar nome a cada coisa, com o intuito de dominá-la, classificá-la e possui-la. Tomando como base à expressão *def-ghi*, *def-ghi*, cujo enteado diagnosticou um dos significados para ela, o de se tornar seu narrador, os índios operam uma inversão, ao pretenderem a narração se sua história. Não estariam eles ensinando, com esse gesto, uma forma de garantir a topicalização?

2 O Trânsito da Escrita pelos Tempos Espacializados na Memória

Comumente, o homem tende a pensar que o tempo é um processo irreversível, que avança para o futuro em decorrência da sucessão de horas, dias e fatos, concepção que se contrapõe à pertinente às sociedades “primitivas”. Nestas, o tempo é concebido como um processo circular, compreendendo o retorno ao tempo primordial ou mítico. (ELIADE, 1985. p. 35). Já no âmbito das sociedades em que predomina a escrita, para atribuir significado ao tempo, recorre-se aos três tempos verbais, tomando por base o tempo da enunciação, o presente da fala, a partir do qual o tempo dos enunciados se desloca, e o presente da leitura, no caso da escrita.

Buscando meios de se nortear quanto à temporalidade, o homem representou o tempo a partir de duas perspectivas: a objetiva e a subjetiva. A primeira diz das relações físicas, apontadas pelos tempos verbais; já a segunda, a subjetiva, diz de uma percepção do tempo, a que comporta falar do tempo psicológico ou imaginário. Na narrativa, ambas se interseccionam, uma vez que a criação do tempo ficcional atribui dimensões temporais aos fatos narrados, com a finalidade de situar a história.

Uma narrativa que se constitui de tempos múltiplos, não sendo nítidas as demarcações entre eles, a temporalidade resulta difusa, imprecisa. O tempo, marcado pelas vivências da personagem, as quais refletem as impressões retidas durante seu percurso, é o psicológico ou o da memória, que rompe com a linearidade do tempo histórico. Ao se referir aos espaços alojados em nossa memória, Gaston Bachelard pontua: “Aqui o espaço é tudo, porque o tempo não mais anima a memória. [...] Não se podem reviver as durações abolidas [...]” (BACHELARD, [198-]. p. 25).

Na tentativa de recuperar as lembranças partilhadas com os *colastiné*, o enteado constrói sua narrativa de forma diversa de duas transcrições surgidas a partir da sua experiência: o *Relato de abandonado*, do padre Quesada e a comédia. Esta, embora tivesse sido escrita pelo próprio enteado em decorrência da sua condição de letrado dentre os atores, não se caracterizou pela veracidade dos fatos. O texto nasceu da pretensão do dono da trupe, que objetivou agradar ao público com a crítica e a zombaria feitas ao índio.

Fazendo a correlação de ambas as representações, deduz-se que o *Relato de abandonado* buscou uma topicalização, uma vez que o padre considerou os índios como homens e não reforçou sua alteridade, enquanto a comédia postulou uma destopicalização ao reforçar a ideologia eurocêntrica, vendo o índio pelo prisma da desigualdade. Já o protagonista, mediante as gargalhadas do público, identificou a mediocridade e a ausência de lucidez por parte dos europeus, inferindo que, ao rirem dos índios eles se tornavam ridículos e, igualmente, alvo de zombaria.

Ciente da impossibilidade de sobrevivência da tribo, o narrador investiu na escrita como uma forma de revê-la. Assim, todas as noites, ele realizava um ritual que tinha início com seu jantar, composto de um pão branco, acompanhado de azeitonas verdes e pretas e uma taça de vinho. O ambiente simples e lacunar do quarto concorria para seu deslocamento do presente aos locais alojados na memória, os quais lhe propiciavam re-construir, com as imagens que lhe acorriam, a experiência vivida. O devir das lembranças trazia-lhe o porto, espaço da infância; o transcurso pelo mar; a praia amarela dos índios e outros lugares. Estes, aos poucos iam-lhe devolvendo sensações, vozes, gestos e cicatrizes, que se insinuavam no corpo da escrita, operando um modo de resistência à ideologia colonizadora.

Assim, “[...] depois que o rumor das ruas se acalma, envia, até minha peça branca, odores de firmamento e madressilva que me limpam, à medida que o silêncio se instala na cidade, do ruído dos anos vividos”. (SAER, 2002. p.136). Percebe-se, não só por esse gesto, que o narrador se mantinha alheio a quase tudo que movia a cidade, e o seu silêncio era uma espécie de manifesto contra a violência sofrida com aqueles que não lhe suportavam os costumes adquiridos com os índios.

Seu relato foi marcado pela tensão, manifestada a partir da irrupção de lembranças desagradáveis em meio àquelas que se lhe tornaram caras. Na medida em que as marcas se insinuavam, o narrador buscava contorná-las por meio de uma prática aprendida com os índios: o ritual. Mediante os acontecimentos novos (nascimento ou morte dos entes), mudança climática ou de estação, doenças, ataques de tribos e atividades sagradas, eles o celebravam.

Na obra *Mito do eterno retorno*, Mircea Eliade afirma que o ritual tem por objetivo repetir um gesto primeiro, inaugurado por um deus indígena ou por um dos antepassados no tempo da origem, assegurando aos índios sua tradição. Segundo o mitólogo, essas coletividades tinham resistência ao acontecimento novo, dada à implicação de mudança. Com a finalidade de abarcá-lo ou mantê-lo sob controle, os índios realizavam uma celebração. Outras funções exercia como a de salvaguardar o equilíbrio da vida social diante de qualquer ameaça, e a de dar legitimidade a um fato novo que requeria sua inserção no tempo mítico. Tal processo conferia àquele, realidade e sentido perante a tribo. (ELIADE, 1985, p. 35).

Compenetrado dessa prática, o protagonista não só a adotou em sua vivência, quanto a trouxe para seu texto. À feição do retorno dos índios ao tempo mítico, ele se valeu desse recurso, à sua maneira, com a repetição de frases que aludiam ao momento presente em detrimento da lembrança amarga (passado), que se irrompia em meio à recordação. Assim, perfazia um movimento intermitente, ora se situando no passado, ora no presente, operando, simultaneamente, um ritual de limpeza. Esse procedimento do narrador, que lhe propiciava o extrapolar de “marcas de uma pulsão pessoal” para o texto, aponta para a escrita performática nos moldes traçados por Graciela Ravetti.

No seu ensaio intitulado “Narrativas performáticas”, a autora se vale desta expressão para designar determinados tipos de textos escritos, nos quais se insinuam traços literários que compartilham da natureza da performance, quer seja no âmbito cênico, quer seja no político-social. Segundo ela, os aspectos que ambas noções compartilham implicam:

A exposição radical do si-mesmo do sujeito enunciador assim como do local da enunciação; a recuperação de comportamentos renunciados ou recalcados, a exibição de rituais íntimos; a encenação de situações da autobiografia; a representação das identidades como um trabalho de constante restauração, sempre inacabado, entre outros. (RAVETTI, 2002. p. 47).

A partir deste quadro, é possível constatar que o narrador transitava com flexibilidade por estes pressupostos. Pelo ritual da escrita, ele deixou escapar o quanto estava transmutado pela cultura do outro e como seus traços já se encontravam incorporados no seu proceder. Ao escrever a sua história entremeada à dos índios, ele se passou a limpo, para curar suas feridas, desconstruir estereótipos e conceber novos sentidos aos fatos. Sua narrativa configurou-se como um espaço de inserção da memória, na perspectiva da “memória operadora da diferença”, como está proposto pelo crítico Wander Melo Miranda, na obra *Corpos escritos*. (MIRANDA, 1992. p. 120).

Nesse sentido, quando o narrador transportou o conteúdo experienciado para a instância do ficcional, dada a impossibilidade de retomá-lo no seu sentido primeiro, os fatos e lugares mencionados condensaram-se de novos significados políticos e culturais.

Conclusão

À luz das considerações feitas, verifica-se que a postura do enteado, no ato de rememoração, remete à de Saer, uma vez que o autor, por meio da personagem/protagonista, pensou a prática autobiográfica como uma escrita crítica da experiência histórica, relacionando a história individual com a história dos índios.

O interessante é que o autor mirou esse passado, guardando a distância spatiotemporal, em virtude de ter procedido a uma leitura alegorizada da Europa para o litoral argentino. Seu gesto é

consoante ao do narrador, que também direciona seu olhar de uma cidade do sul europeu para a praia amarela dos *colastiné*, procurando estar junto com o outro. O escritor, embora não tivesse vivido a experiência do outro no passado, foi capaz de ocupar o lugar e de estar junto com ele, partilhando a sua dor. Promoveu, assim, uma série de inversões, num processo de destopicalização como a inversão de si mesmo, escrevendo sobre a América a partir do relato de outros, mas escrevendo a partir de sua localização na Europa, como exilado. Realiza o percurso da topicalização e da destopicalização, uma vez que inverte a finalidade dos relatos: o do padre Quesada se torna um relato conservador, topicalizante, ao passo que a comédia, que objetivava legitimar os paradigmas europeus, rompe com o centramento ao fazer o público rir de si mesmo.

Assim, o relato do protagonista quanto à obra de Saer se tornaram cômicos, desconstrutivos, pois desintegraram a visão sobre a América, entretecida pelos conquistadores. Saer, por meio dessa narrativa, propiciou um espaço aos diálogos e indagações sobre os modos de dominação, a experiência da morte dos índios, a dizimação da sua cultura, resultantes dos conflitos culturais e de desmandos similares às práticas que ainda se presentificam na atualidade.

No que tange à revisão do arquivo cultural, a releitura do passado, conforme salienta Said, não é feita de forma “unívoca, mas em *contraponto*, com a consciência simultânea da história metropolitana que está sendo narrada e daquelas outras histórias contra (e junto com) as quais atua o discurso dominante”. (SAID, 1995. p. 87).

Nesse sentido, o texto de Juan José Saer está em consonância com a perspectiva política de Edward Said e de Mary Louise Pratt que, ao analisarem a viagem, fizeram uma crítica à expansão colonizadora e às estratégias praticadas pelos exploradores.

Referências bibliográficas:

- ANDRADE, Oswald. *Do pau-brasil à antropofagia e às utopias*: manifestos, teses de concursos e ensaios. 2. ed. Rio de Janeiro, 1978. (Obras completas, 6).
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lúcia do Valle Santos Leal. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, [198-].
- CABEÇA DE VACA, Alvar Nuñez. *Naufragios y comentarios con dos cartas*. Buenos Aires: Espasa Calpe, 1942.
- CAMINHA, Pero Vaz. *A carta de Pero Vaz de Caminha*: reprodução fac-similar do manuscrito com leitura justalinear. 2. ed. São Paulo, Humanitas, 2001.
- COLOMBO, Cristóvão. Carta de 15 de fevereiro de 1493 a Luis de Santángel. In: Varela, Consuelo. *Textos y documentos completos*. Madrid: Alianza, 1984.
- COLOMBO, Cristóvão. Diário del primer viaje. In: Navarrete, Martín Fernández de. *Colección de los Viajes y descubrimientos, que hicieron por mar los españoles en Indias*. Madrid: Em la Imprenta Real, 1825, t. 1 e 3.
- ELIADE, Mircea. *Mito do eterno retorno*. Trad. Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 1985.
- MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos*: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império*: relato de viagem e transculturação. Trad. Jézio Hernani B. Gutierrez. Bauru: EDUSC, 1999.

RAVETTI, Graciela. Narrativas performáticas. In: Ravetti, G.; Arbex, Márcia. (Org.). *Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas – Faculdade de Letras. UFMG: Pós-Lit., 2002.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VESPÚCIO, Américo. Carta ao amigo Lorenzo de Médici. In: Bueno, Eduardo. *Novo Mundo: as cartas que batizaram a América*. São Paulo: Planeta, 2003.

ⁱ **Ângela Maria Bedeschi Faria – Mestre em Letras: Estudos Literários**
Faculdade de Letras – FALE – UFMG
Departamento de Pós-Graduação – Pós-Lit
E-mail: angelambfaria@uol.com.br